TEATRO

★ ★

do Romantismo aos nossos dias. CENTO

UCHON01635

uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

2.° volume

António Patrício

Nasceu no Porto em 7 de março de 1878 e faleceu em Macau, a 4 de junho de 1930.

Obras principais: Teatro — O Fim, *história dramática em 2 quadros (1909);* Pedro o Cru, *drama em 4 actos (1918);* Dinis e Isabel, *conto de primavera em 5 actos (1919);* D. João e a Máscara, *fábula trágica em 4 actos, e* Judas, *um acto (1924). Deixou incompletos os dramas* O Rei de Sempre *e* Afonso Domingues.
Outras obras: Poesia — Oceano *(1905);* Poesias *(1942). Conto* — Serão Inquieto *(1910).*

Se quiséssemos limitar a um autor único o estudo da dramaturgia simbolista em Portugal, a escolha teria necessàriamente de recair sobre a personalidade e a obra de António Patrício. Porque nenhum outro soube manter-se, como ele, tão constante às exigências da estética simbolista, sem prejuízo da sua própria individualidade, através da qual essas exigências se desprendem de preconceitos escolares para se converterem na espontânea, inevitável afirmação de um talento literário vincadamente pessoal. Isso permitirá distingui-lo de outros escritores em cuja obra também o simbolismo e a expressão dramática convergiram: um João da Câmara, por exemplo, cujo simbolismo aparece ainda mesclado com sobrevivências românticas e é mais tacteado do que, sequer, intuído; um Eugénio de Castro, que voluntária e aplicadamente o transportou, reduzindo-o à sua face mais externa e extrovertida, para os seus poemas dramáticos a que a teatralidade falta por completo; ou um Fernando Pessoa, em quem não passou de um simples parêntese, aberto para logo se fechar. Será talvez com o Junqueiro da Pátria que mais se aparenta o autor de O Fim: *naquele poema espectacular, como nos de Patrício, uma realidade histórica nacional, nem românticamente deformada, nem naturalisticamente descrita, é reinventada, quando pretérita, ou por intuição adivinhada, quando futura — e, em ambos os casos, vàticamente transfigurada. Assim, o teatro de António Patrício propõe-nos uma nova visão dos amores de Pedro e Inês e de Dinis e Isabel, de que todo o ornato exterior (a cor local tão cara aos românticos, ou a fidelidade documental ambicionada pelos naturalistas) foi banido para fazer avultar o «drama de consciências» que, sob o signo da morte, enlaça os seus protagonistas. E é também sob o mesmo signo que ele coloca o protagonista da sua «fábula trágica» D. João e a Máscara — em que Urbano Tavares Rodrigues viu, com a sua justeza habitual, «a obra que melhor permite avaliar a apetência lusitana para o tema de D. Juan».*
Uma citação de Shakespeare, que lhe serve de epígrafe («Nothing can we call our own but death»: *Bem nossa, só a morte), e umas considerações antepostas ao drama, ilustram claramente as intenções de António Patrício, ao abordar — como tantos haviam já feito, e viriam tantos outros a fazer — a perturbante figura do «burlador de Sevilha» nesta fábula admirável que até hoje ainda não achou o encenador e os actores que ousassem projectá-la na sua dimensão cénica.*
«D. Juan, para mim, — *diz* — é o instintivo religioso, o amoral místico, o estranho irmão de Madalena e Kundry. Como ele diz na minha fábula ao Convivа de Pedra: *um possesso de eterno.* Esta grande figura, do potencial trágico mais alto, tem sido interpretada muitas vezes; e no complexo do seu galbo heróico, tão rico de significação e de patético, é — suponho eu — inesgotável. Tentaram julgá-la, até puni-la. Eu por mim, mais simplesmente, tive de a dizer porque a amei e o meu amor quis exprimir-se em cenas.
(...) A minha maneira de interpretar, melhor dizendo, de viver esta lenda (que é, como a de Fausto, a que maior número de poetas fascinou) está, em espírito, de acordo com a ver-

dade histórica, pois que Miguel Mañara, o pretexto real de D. João, morreu em Sevilha no convento de *La Caridad*, em cheiro de santidade. Desta vez, por excepção, a história é superior à lenda.

Que vi eu, em resumo, agora que reli a minha fábula? — Como o instinto, que a ideia da Morte magnetizou, vai para Deus.

O sentido da morte é o instinto de viver feito consciência: sem ele, não há vida interior. Vive-se sem viver: morre-se sem morrer: no fundo é o mesmo. Vem tarde, quando vem, porque nada há mais raro que viver. Começa nesse instante a minha fábula, quando D. João e a Morte pela primeira vez vão encontrar-se. No primeiro acto, depois dum baile de máscaras no outono, a Morte, para D. João, é uma *maja* trágica, Goyesca; respira-a a cada instante como a Bem-Amada omnipresente, a *Beatriz única* de Antero; no último quadro enfim, como para o pobre de Assis, é Sóror Morte. Assim tentei fixar, reduzindo ao mínimo a anedota, o que há de essencial no seu destino. *(...)*»

António Patrício

D. JOÃO E A MÁSCARA

Personagens:

D. JOÃO.
A MORTE.
LEPORELLO.
O CONVIVA DE PEDRA.
D. ELVIRA.
HELENA COELI.
O DUQUE DE SILVARES.
A MARQUESA DE ALDOVAN.
CARLOS DE ALDOVAN.
OCTÁVIO, noivo de D. Ana.
D. ANA, filha do Comendador.
O IRMÃO DE D. ELVIRA.
O ABADE DO CONVENTO DE *LA CARIDAD*, etc.

Em Sevilha.

ACTO PRIMEIRO

O palácio de D. João. Sala da ceia na desordem febril dum fim de baile. O tecto em caixões, artesoado: tapeçarias de caça nas paredes. À direita e à esquerda, portas interiores. Nos bufetes, um caos de cristais e argentarias. Vinhos raros opalescem, irisam-se de reflexos como jóias, em vidros de caule alto, veinulados. Ao centro, no lustre de Veneza, já poucas velas ardem. Os candelabros dos bufetes consumiram-se entre pétalas de rosas. Húmida, a manhã de Outono vai descerrando devagar as pálpebras. Duas janelas, ao fundo, deixam ver folhagens ruivas: ao meio, alguns degraus descem à alameda senhorial, beijada de Outono, prolongando-se até à porta chapeada de ferro, solene e alta, armoriada. Nos intervalos dos troncos, há trechos de jardim adormecido, um jardim andaluz de arquitectura verde.

(Perto da entrada, ao fundo, conversam Leporello e D. Elvira.)

LEPORELLO *(baixo)*: Tende paciência. Ficais ainda algum tempo no jardim. Vou sondá-lo primeiro.

D. ELVIRA: Onde quereis que me esconda?

LEPORELLO: Muito perto daqui. *(Apontando:)* Atrás da estufa. Já todos se deitaram nesta casa. Há quase uma hora que acabou o baile. *(Olha à direita. Escuta.)* Ainda lá está. Ficou só no salão, mas vem já aí. *(Empurrando-a levemente:)* Quis que eu abrisse todas as janelas. «Antes o cheiro a névoa que o da carne.» Foi assim que me disse. *(Ri.)* Fez-me rir. Não quer o cheiro a carne esta manhã.

D. ELVIRA: Logo que eu possa entrar, vindes chamar-me.

LEPORELLO: Ficai certa. A noiva do meu amo ordena sempre...

D. ELVIRA: Não me esqueço de vós.

LEPORELLO: Vou farejar-lhe o humor. É um catavento. *(Como se ouvisse passos:)* Ide. É ele...

(D. Elvira sai. Desce os degraus, desaparece à esquerda. Instantes depois, D. João entra. É alto e magro, musculado, um animal de sedução e presa. Nos gestos, no andar, em todo o corpo, qualquer coisa de felino, de onduloso. A cabeça, de tinta aciganada, tem insolência chula e fadiga, uma tensão de vida tão aguda, que é quase dolorosa, inquietante. No impudor da boca, do olhar, uma mobilidade que perturba, por excesso de expressão, de intensidade. Traz um gibão de púrpura, golpeado, espada damasquinada, muito longa, e na mão direita, com anéis, uma máscara breve de veludo.)

D. JOÃO *(com um bocejo, lento)*: Que te pareceu, Leporello? Mente um pouco.

LEPORELLO: Magnífico, meu senhor. Um grande baile. Como só vós...

D. JOÃO *(interrompendo)*: Uma mascarada de Outono, é o que foi. Parecia que se dançava em folhas secas. *(Apontando o bufete:)* Xerez.

LEPORELLO *(servindo-o)*: Há uma friagem, meu senhor. Está frio. Choveu de noite. Fecho?

D. JOÃO: Deixa ficar assim. Ar. Quero ar. *(Depois de beber:)* Faz-me bem a humidade. *(Espreguiçando-se:)* Cheira a terra.

LEPORELLO: Descansar, é o que é preciso. Temos tempo de cheirar a terra. Temos tempo de mais.

D. JOÃO: Não sinto sombra de fadiga. Tenho tédio. Faz-me bem a madrugada húmida. Deitaram-se todos, como eu disse?

LEPORELLO: Só se houver, escondida, alguma máscara. O resto, tudo dorme. As paredes estão em pé só de vos verem.

D. JOÃO *(deitando ao chão a máscara)*: Uma máscara escondida, dizes tu...

LEPORELLO: Quem sabe, meu senhor, quem sabe...

D. JOÃO: Há sempre alguém escondido nesta casa. E és tu que lucras, Leporello. São os teus honorários. Também, há algum tempo, são os únicos.

LEPORELLO: Se há alguém escondido, é alguém que vos quer. E bem sabeis que tendes inimigos. E poderosos, meu senhor, e ricos...

D. JOÃO: Não me vendeste ainda. Graças, graças. Hás-de ficar no pedestal da minha estátua. E por estátua... A do Comendador, já foste vê-la?

LEPORELLO: Sevilha toda tem ido admirá-la ao cemitério. *(Mais baixo:)* Só nós não vamos...

D. JOÃO: Porquê? Não te interessa a estatuária...

LEPORELLO: Porquê?... Ora porquê... Não fui eu que o matei, mas mesmo assim não me apetece nada visitá-lo.

D. JOÃO: É uma questão de etiqueta. Temos de ir.

LEPORELLO: Eu não. De tantos duelos que o meu amo teve, nenhum me fez medo como aquele. Muitas noites, ao deitar-me, vejo-o. Na areia do jardim, ao cair morto, já parecia de mármore...

D. JOÃO: Razão de mais. Temos de ir visitá-lo um destes dias.

LEPORELLO: Ontem de tarde vi a filha e o noivo. Passaram em frente do palácio, sem olhar. Sevilha toda sabe o que juraram.

D. JOÃO *(sorvendo um gole, lento)*: Que juraram então D. Ana e Octávio?

LEPORELLO: Andar de luto rigoroso sempre, viver para a vingança noite e dia; e quando eu não tiver amo, então — as bodas...

D. JOÃO: Por isso os convidei. Mas só dancei com ela duas vezes.

LEPORELLO: O quê, meu senhor!.. Estiveram cá?

D. JOÃO: Foram dos últimos a partir. *(Com um riso seco:)* Já vês que me não querem mal...

LEPORELLO: Cuidado, meu senhor. É perigoso jogar com o destino.

D. JOÃO *(tocando a espada levemente)*. Tenho sempre razão... É fatigante. — A máscara escondida? Quem é ela?...

LEPORELLO: Não podeis adivinhar?

D. JOÃO: Tudo previsto, Leporello. É a que eu posso adivinhar? Onde a meteste?...

LEPORELLO: Ao ar livre, meu senhor. Atrás da estufa. Um sinal meu e vem.

D. JOÃO: Faze o sinal, faze o sinal depressa. Não vá enrouquecer antes da cena.

(Leporello sai. Está na alameda. Acena duas vezes para a esquerda. Instantes depois, D. Elvira aparece. Entram na sala.)

D. JOÃO *(indo-lhe ao encontro, cerimonioso e irónico)*: Só agora soube... Perdoai. *(Beijando-lhe a mão:)* Bem-vinda a qualquer hora, a qualquer hora...

D. ELVIRA: Bem sei, bem sei que não são horas. Foi mais forte do que eu. Tive de vir.

D. JOÃO: Bem-vinda sempre. Não há protocolo para vós. Um privilégio que só tem a Morte...

D. ELVIRA: Se continuais nesse tom, não digo nada.

D. JOÃO: Ides dizer. Tenho a certeza. — O que vos traz assim, de madrugada, pisando a lama com chapins de seda, no meu jardim de arquitectura verde?...

D. ELVIRA: O risco que correis. Tremo por vós. Não posso respirar. Quero-vos... quero-vos...

D. JOÃO: Já não consegue distrair-me o risco. Creio que estou enfermo...

D. ELVIRA: Enlouqueceis. Dar um baile de máscaras no Outono... É um capricho de louco.

D. JOÃO: E aborreci-me, aborreci-me, aborreci-me. Havia teias de aranha na minha alma. De começo pensei: vou divertir-me. Esta ideia de ter em minha casa, ter num baile de máscaras, convidados — convidados por mim galantemente — a fina flor dos inimigos íntimos, e irreconheciveis, disfarçados, enquanto eu só trazia meia-máscara, pareceu-me saborosa, fascinante. Qualquer coisa ia nascer dali. Afiava os meus nervos com requinte. E afinal — imenso tédio, tédio. Parecia que se dançava em folhas secas. Nem, por esmola, um instantinho de terror, um só.

D. ELVIRA: Não podeis continuar assim. Quem sabe onde vos leva essa vertigem. É forçoso mudar.

D. JOÃO *(depois de um silêncio)*: É bem preciso. Qualquer coisa de novo... qualquer coisa. Qualquer coisa ou Alguém... Não posso mais.

D. ELVIRA: Sei que querem comprar a vossa gente. A não ser Leporello...

D. JOÃO: Resta-me Leporello. É a lealdade. Creio que dorme. Adormeceu em pé...

D. ELVIRA: Se eu pudesse por vós alguma coisa... Faria tudo, tudo. Deus bem sabe.

D. JOÃO *(numa galanteria involuntária)*: Bem sabeis que podeis. Só vós, só vós. Quando vos soube no jardim, o que eu senti!... Quis chamar-vos logo. Recordei-me... *(Tocando-a:)* Não tendes frio? Quereis beber um pouco?...

D. ELVIRA: Estou sempre bem ao pé de ti. Bem sabes.

D. JOÃO: Tens lama nos chapins. Pobres pés frios... As minhas mãos já foram dignas de calçá-los...

D. ELVIRA: A tua voz aquece-mos: verás...

D. JOÃO *(mirando-a toda)*: Os meus olhos não se cansam de beber-te. É um cordial para mim a tua graça. E quando penso como tu vieste, que andaste a pisar lama e folhas secas, sob as ogivas verdes, fria, fria... Queria anichar-te toda na minha alma, ter-te em mim como num berço, toda...

D. ELVIRA: Se eles soubessem como tu és bom, os que te querem mal...

D. JOÃO: Queria sê-lo por ti, e hei-de sê-lo. Vai ser o meu convento o teu amor. Dás-me os teus olhos como Livro de Horas...

D. ELVIRA: É a ti que vais rezar. Estás sempre neles.

D. JOÃO: Quero esconder-me em ti. Nada me importa. Dás febre e apaziguas. Ninguém mais. Beijar-te, meu amor, quero beijar-te: beijar com devoção os teus pés frios... Quero beijar-te os pés, mas sempre, sempre: até ser digno de beijar-te os seios, de os beijar outra vez... Lembras-te?... Lembras-te?...

D. ELVIRA: Lembram-se sempre... Pensam sempre em ti...

D. JOÃO: Só os teus seios? Só?... — Quero-te toda. E são só eles a lembrar-me em ti... E há mundos em ti que me esqueceram... Não te quero assim, já não te quero... Os teus joelhos brancos, sem memória?... Já se esqueceram dos meus beijos?... Dize. E as fossetas que eu enchi de beijos?...

D. ELVIRA: Dobram para ti os meus joelhos... Sentes?

D. JOÃO: Não é verdade. Vergam de fadiga. Nunca mais ardes nos meus braços... Sei-o. Arrefeceu-te a madrugada. Pobre... — É ainda o mesmo o teu perfume? Sabe ainda a nardo a tua pele?... E a tua nuca? Nunca mais a servo...

D. ELVIRA: A tua voz tem beiços. Está a beber-ma...

D. JOÃO: Sinto-te em mim, como o sabor dum fruto ainda na árvore. Só te quero enlaçar daqui a instantes... *(Com um bocejo:)* Mas não, mas não. Vou-me deitar na lama: vou-me deitar na lama do jardim, do meu jardim de arquitectura verde... Sei-o de cor, o galbo dessas ancas. Ainda se lembram dos meus braços? Dize... Vou-me deitar na lama do jardim. Não me fales de ti. Antes a lama...

D. ELVIRA: Quereis-me fazer chorar...

D. JOÃO: Não, não. Está húmido. Pode fazer-me mal. Bebi Xerez; e se tiver de te beber as lágrimas, adeus sabor de vinha ao sol e amêndoa... Não queres então deitar-te como eu? Atrás da estufa, ao pé da taça — queres?... Cheira à gangrena lírica do Outono. É bom, de bruços, sobre folhas secas...

D. ELVIRA: Esqueceis quem eu sou. *(Mais baixo:)* A tua noiva...

D. JOÃO: Ou vai matar-me o teu irmão. Sabia. Ou noivo ou condenado: tu distingues? Olhos subtis os teus, minha adorada...

D. ELVIRA: Não sejas mau. Vem dar-me um beijo. Adoro-te...

D. JOÃO: Meu cacho de Alicante, ó toda mel... Nas pálpebras, queres?... Devagarinho... Quando te beijo as pálpebras de seda, passa-me na alma a luz dessas pupilas... Sou como um bago de âmbar a um sol de oiro. Mas os teus beiços intumescem, incham... Beijar-te a boca neste instante, noiva, vai ser prodigioso, incomparável... É trair D. João: pensa um segundo... Oh! Se ele me matasse... Por capricho... *(Beija-a nos olhos e na boca, muito, com um virtuosismo de fadiga, triste.)*

D. ELVIRA: Meu amor... meu amor... Há quanto tempo...

D. JOÃO: Meu dever loiro... Nem eu sei há quanto. *(Afasta-se dela bruscamente, uma expressão de amargura em toda a máscara.)*

D. ELVIRA: Que tens tu?...

D. JOÃO: Não te dizia eu? Antes a lama. Antes a lama do jardim e as folhas secas. Não posso mais, não posso mais assim...

D. ELVIRA: Não me queres, amor? Já me não queres...

D. JOÃO *(num exaspero imenso)*: Qualquer coisa ou Alguém... Seja o que for. Já não sei rir. E é de mais... Não vês? Nunca pude mentir, por mais que queira. Seja o que for que eu diga, vivo-o de tal maneira ao exprimi-lo, que se faz carne e sangue de verdade. — Não sentiste?... O que há de estranho em que me acreditasses, quando eu mesmo ia levado a ouvir-me... A minha voz, o timbre, um não sei quê... Arcada de violino na medula... estradivário nos meus nervos... — Ouves? O que há em mim? Podes dizer-mo, tu? ..

D. ELVIRA: Tens um cansaço imenso. Vem deitar-te. Só vejo em ti o que eu adoro sempre. *(Beijando-lhe as mãos:)* Eu fico ao pé de ti. Não digo nada.

D. JOÃO: Tu vês em mim o teu desejo, em púrpura; eu vejo em ti todo o meu nada, sôfrego. Só imagens, máscaras, reflexos. Sempre um jogo de espelhos, adoidante. Mais bufão que o baile desta noite, o baile que sabia a folhas secas. Mas com mais convidados, muito mais... Assembleia de sóis... «féerie» lúgubre... *(Pausa. Agarrando-lhe os pulsos:)* Talvez tu saibas. Pra quê as máscaras, se ninguém nos vê?... *(Beija-a na boca longamente, com um sardonismo de luxúria, frio.)* Boa manhã. Vou-me deitar na lama...

D. ELVIRA: Ao pé de mim, amor, quero sentir-te. Não fujas. *(Passa-lhe as mãos na testa, no cabelo.)* Tens os cabelos húmidos...

D. JOÃO: Não posso mais. Não vês?... Não posso mais... — Qualquer coisa ou Alguém... Outra, outra coisa...

D. ELVIRA: Nunca te vi chorar. Tu nunca choras?...

D. JOÃO: De prazer, sim. De tédio, nunca. — Vejo tudo grotesco à minha roda. Um sentimento de grotesco em tudo. Ainda maior do que a miséria, pensa, do que a miséria de viver assim.

D. ELVIRA: É uma maneira de chorar: a tua.

D. JOÃO *(brusco):* Que queres tu? Deixa-me em paz... Mais beijos?... Queres que te tenha nos meus braços, toda?... É a minha profissão, o meu dever... Ainda te lembras do caminho? Entra... *(Aponta à esquerda a porta, com um mau riso.)*

D. ELVIRA: Pisas-me a alma, amor. Mas eu perdoo-te...

D. JOÃO: Sê indulgente. Só te piso a alma esta manhã. Tenho tédio, imenso tédio, tédio. O destino boceja sobre o mundo. *(Olhando pela porta do jardim:)* O que dizem à lama as folhas secas?... Não ouviste nada? Não conversam?... Dize: é tudo cenário? tudo? tudo? Nada existe? Esta manhã de Outono arrepiada não tem um coração que se confrange?... *(Mais perto dela:)* E sou eu o *burlador* — todos o dizem — eu que te minto tão sinceramente, que caio em mim de cimos de vertigem... É como as mulheres a natureza? Vazio lúgubre a mimar divino?...

D. ELVIRA: Nem te entendo, amor... Não estás em ti.

D. JOÃO: Não estou em mim!... não estou em mim! Perfeita. Beijo o róseo murcho dos chapins que te trouxeram na grisalha de alva. Visitação a tua... anunciação... Não estou em mim!... Decerto. Não. Não estou. *(Silêncio breve. Com desânimo:)* Os olhos dos meus galgos, queria vê-los. Há qualquer coisa neles que me entende.

D. ELVIRA: Ah! Se eu pudesse... se eu soubesse, amor. Um coração ao pé do teu é nada?...

D. JOÃO: É ao pé dum relógio outro relógio. E eu já não posso com o tempo, sabes?...

D. ELVIRA: É forçoso mudar. Não podes mais. A tua vida assim é impossível.

D. JOÃO: É forçoso mudar?... É impossível. Há-de ser sempre, sempre, sempre assim. E *sempre* é longo, por mais curto, noiva. O destino vem a mim em carnaval, no mais burlesco carnaval da terra. Uma mulher sumindo-se na rua, ao fundo duma rua: tanto basta: é ele em «travestis»: tenho de ir logo. Uma voz na noite, quando eu passo, atrás das gelosias: um perfume... Um perfume de mulher ou de árvore... A pedra dum balcão, morna de sol, onde uma mão poisou há muito tempo... Uma inflexão de vento, num jardim, e que fica em acorde na minha alma... E no silêncio mesmo, um certo apelo, um apelo à voz que *tem de vir*...

D. ELVIRA: Mesmo gelado, há uma febre em ti...

D. JOÃO: Há uma febre de beijar mais fundo.

D. ELVIRA: Não sei o que tu tens, não sei... Tu és como as crianças, meu amor, que partem as bonecas para ver, para ver como são, que têm por dentro...

D. JOÃO: E não há *por dentro*... É como em sonho. E quanto mais o sei, mais o procuro. O que me interessa nas mulheres, tu sabes, é o que elas ignoram, e possuem. Mas não há mãos para tanto: foge, foge... É qualquer coisa que se escoa sempre. Há quem ausculte o chão e oiça nascentes. A terra para alguns faz-se de vidro: vêem-lhe artérias de cristal ao fundo. Sou um buscador de fontes por destino; mas por mais que procure, nunca as ouço.

D. ELVIRA: É o impossível que tu queres, amor.

D. JOÃO: E é tédio o que eu sinto: tédio, tédio. E não me quer, a Morte. Voa em círculo, como um abutre à roda duma torre. Querem-me tantas, que Ela passa de longe, com desdém.

D. ELVIRA: Não fales mais assim. É tentar Deus.

D. JOÃO: Sou como um pescador, numa lagoa, a pescar, demente, a própria sombra... É a pérola que eu pesco nos seus olhos: a estrela no fundo da cisterna... *(Com um gesto brusco:)* É burlesco de mais. Não posso mais... Qualquer coisa ou Alguém... Outra... outra coisa.

D. ELVIRA: É só tu quereres, amor, e tudo muda.

D. JOÃO: Sempre assim, as mulheres. Há um dilúvio de esperança nessas veias. Esperar, esperar, é o seu destino.

D. ELVIRA: E prometer...

D. JOÃO: E prometer em vão, sem saberem o quê: prometer sempre. É a eterna canção. uma canção partida em mil refréns; à força

ÍNDICE

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII

Introdução IX

1. *Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa* XIII
2. *Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett* XV
3. *Garrett e a restauração do teatro português* XVI
4. *Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia* Catão *e a geração liberal de 1820 — O exílio* XVII
5. *O* Auto de Gil-Vicente, *início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o* Frei Luís de Sousa *— As últimas peças de Garrett* XIX
6. *O equívoco do teatro histórico ultra-romântico* XXI
7. *O melodrama histórico da década de 1839-50* XXIII
8. *O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo* XXVIII
9. *A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo* XXXII
10. *A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro* XXXIII
11. *Outros encontros da «geração de 70» com o teatro* XXXVII
12. *Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português* XXXIX
13. *Revivescência do teatro histórico — A* Pátria *de Junqueiro* XLI
14. *O realismo dos* Velhos *de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas* XLV
15. *Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista* XLVII

16. *O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes* XLVIII
17. *O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira* L
18. *Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão* LIII
19. *Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício* LIV
20. *Situação do teatro português entre 1918 e 26* LVI
21. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional* LVIII
22. *Tendências dramatúrgicas do após-guerra: A sátira de costumes* LIX
23. *O teatro de Alfredo Cortez* LXII
24. *A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro* LXIII
25. *O teatro português na década de 30* LXV
26. *O modernismo no teatro português* LXVIII
27. *O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental* LXXII
28. *Situação actual do teatro português* LXXIII
29. *O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos* LXXVIII
30. *Conclusão* LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente 1
Gomes de Amorim: Fígados de Tigre 21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa 53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflor 71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar 105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema 121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha 143
Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã 171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre 189
Eduardo Schwalbach: Os Postiços 217
Fernando Pessoa: O Marinheiro 275
Vitoriano Braga: Octávio 283
Carlos Selvagem: Entre Giestas 303
António Patrício: D. João e a Máscara 341
Ramada Curto: O homem que se arranjou 371
Raul Brandão: O Avejão 397
António Botto: Alfama 403
Alfredo Cortez: Gladiadores 427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traiçoeiro 449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos 473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente 493

Alves Redol: Maria Emília 519
Branquinho da Fonseca: Curva do Céu 529
José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe 535
Almada Negreiros: Antes de começar 559
João Pedro de Andrade: Continuação da comédia 567
Jorge de Sena: Amparo de Mãe 575
Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte 581
Bernardo Santareno: A Promessa 597
Costa Ferreira: Um homem só 623

Nota Final
Nota Bibliográfica
Índice dos Nomes Citados no Prefácio

Principais Correcções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	includo	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, *episódios em 1 acto* (1902); O Rei Maldito, *peça histórica em 5 actos*, e A Noite do Calvário
121	31	*solicitados, por*	*solicitados por*
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade *(1953)*	Voz da cidade *(1952)*
427	7	*Henri Josset*	*André Josset*
575	17	*causa*	*acusa*
575	18-19	*épocas «ad libitum», permutáveis*	*épocas, «ad libitum» permutáveis*
581	22	*(1960)*	*(1961)*
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.